# ORAÇAM FVNEBRE

*Que disse*

O R. P. D. RAFAEL BLVTEAV Clerigo Regular Theatino da Diuina Prouidencia, no seu Conuento em o 1. dia de Out.ro deste anno de 1670.

*Nas exequias*

Do Excell.mo Sor BARAÕ DE BATEVILL E Embaixador extraordinario d' El-Rey de Castella ao Princepe Nosso Senhor.

*Empresença*

DOS TRES ESTADOS DA CORTE, PRElados, & Conuẽtuaes das Religioẽs.

*OFFERECIDA*

Ao Excell.mo Sor MARQVEZ DE MARIALVA, dos Conselhos d'Estado, & Guerra, &c.

*POR*

PEDRO LVPINA seu Secretario, Beneficiado em Sacauem, Administrador geral da Corte, Fortalezas da Barra, Cascaes, Peniche, & Prouincia da Estramadura.

EM LISBOA.
Na Officina de IOAM DA COSTA.
M. DC. LXX.
*Com todas as licenças necessarias.*

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR.

# D. ANTONIO LVIS DE MENEZES,

MARQVEZ DE MARIALVA, SENHOR do Morgado de Saõ-Siluestre, das Villas de Cantanhede, Auellans, Aluaro, Attei, Mondim, Cerua, Medello, Heimello, Liomil, Pouoa Penella, Vallongo, Villar de Ferreiros, Bilhó, & Melres: Caualro Professo da Ordem de nosso Sor IESVS Christo, Comendador da Comenda de Sa Maria de Almonda da mesma Ordem: dos Conselhos de Estado, & Guerra do Princepe nosso Sor: Veedor de sua Fazenda: Gouernador das armas de Cascaes, da Corte, Prouincia da Estremadura, & Capitaõ General do Exercito, & Prouincia de Alem-Tejo.

*HEGOV a meu poder a Oraçam que o P. Dom Rafael Bluteau fes nas exequias do Excellentissimo Senhor Baraõ de Batewille, digna de maior estimaçam pella excellencia do Orador;*

*eloquencia no diser, & elegancia no orar; & como he nascida em Lisboa, por ventura que a emulaçam se opusesse, se lhe faltasse o amparo que V.E. lhe concede com seu excellentissimo nome: pois nam he menor o perigo na boa, que na mâ fama, como disse Tacito: mas como V.E. he costumado a fertilizar sceptros, tambem o farâ a plantas. Se nas exequias ouue a ditta de terem o Orador, no sahir ao teatro vniuersal a oraçaõ, sendo Portugueza, nam caminharia segura, se de V. E. nam fosse amparada; & para a fama a conhecer, era consequencia infalliuel, que V.E. a deuia graduar, pois de muitos annos a esta parte nam desuia seu emprego das acçoens de de V.E. nem admitte outro, com que de hoje em diante pode voar segura, pois tem Excellentissimo Senhor a V.E. que lhe communica alentos grandes. Procuro que se estampe este papel, porque assi como Portugal amou o Baram em quanto viuo, na sua ausencia testemunhem os effeitos, dos affectos do amor; & sendo a oração digna de tanto Baraõ, & o Baraõ digno de tal Orador, nam fique em esquecimento esta Portugueza acçam, que para se qualificar, Excellentissimo Senhor, pede lhe dé V. Excellencia nouo*

*ser,*

*ſer com ſua aſſiſtencia. Na verdade digno de enueja na vida, & na morte foi o Baram de Bateuille, na vida, porque mereceo o que conſeguio morto, na morte por achar a Dom Rafael para recontar o que merecia viuo, que raras vezes ſuccede auer verdade deſpida da affeiçam; & mais que tudo, tomar V. Excellencia por ſua conta que o nome de V. Excellencia entregue à fama o deſte grande Miniſtro, para que ſe eternize, concedendolhe a morte a caſo a maior ventura: porque as felicidades nam ſam grandes pelo ſerem, mas pelas circunſtancias com que ſuccedem. Nem he muito ſer V. Excellencia inſtrumento deſtas em ambas as Eſpanhas, pois no mundo todo com vozes viuas ſe continuam a V. Excellencia louuores pelo que merece, que de nouo ſeràm mais afinadas, quando a protecçaõ de V. Excellencia canoniſa as acçoens de ſua patria, que como mais empenhado foi o Atlante que as ſuſtentou em todo o tempo; & na verdade ſe nam fora a dureza com que trata os filhos, podera em cambio de beneficios (ſem que chegaſſe a parecer liſonja) chamar a V. Excellencia Amor, & Delicias da Patria, como diſſe Suetonio Tranquillo, de Tito Veſpaſiano. Perdoeme V.*

*Ex-*

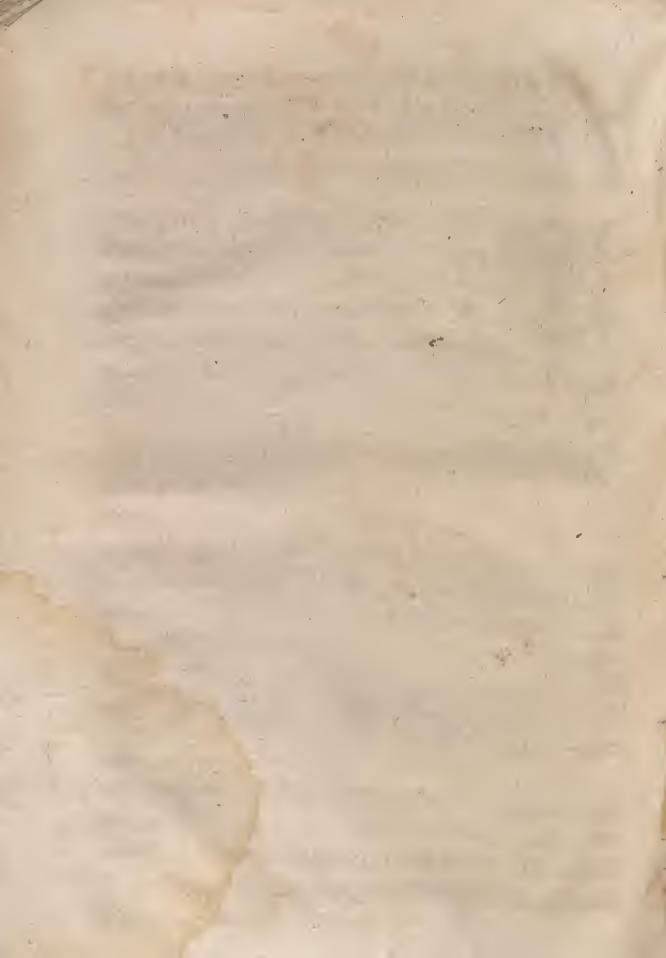
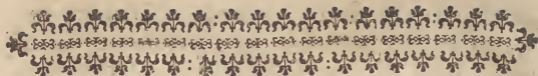
*Excellencia ſuſpender à penna, que me baſtarà por pena, nam dizer o que dezejaua em occaſiaõ tanto do credito deſte Reyno, mas o reſpeito que à V. Excellencia deuo, me he reuerente obſtaculo â minha obrigaçam, ſe nam he que me eſpera melhor tempo, para que de V. Excellencia publique o que lhe he deuido. Deos N. Senhor guarde a Excellentiſſima peſſoa de V. Excellencia dilatados annos como lhe peço, para que os que faltam entre os mortaes achem o amparo de Voſſa Excellencia que os immortaliſe, & os viuentes para eterniſar ſuàs acçoens. Liſboa 24. de Outubro de 1670.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

*De V. Excellencia entre ſeus Capellaẽs,*

*O menor, & mais obrigado,*

*Que beija as maõs de V. Excellencia.*

PEDRO LVPINA.

*Siccine separat amara mors?* 1. Reg. 15. 32

COM as mesmas palauras, com que aquelle forasteiro de Persia respondeo em Roma a huma pergunta, que lhe fez o Emperador Constantino, me seja hoje licito a mim estrangeiro em Portugal dar principio a esta funebre Oraçaõ. Perguntou o Emperador Constantino a Hormisda nobre Persiano, qual de todos os prodigios, que Roma ostentaua lhe parecia mais digno de espanto. Era Roma naquelle tempo Rainha do Mundo, & Arbitra do Vniuerso, Tantos eraõ os que de todas as partes concorriaõ a venerar a magestade da sua grandeza, que prodigiosamente se viaõ vnidos os coraçoẽs para o rendimento, dos que na diuersidade das lingoas, & costumes tinhaõ a causa das suas discordias; Viase taõ sumptuosa nos Templos, que chegou a dizer hum Gentio naõ morauaõ os Deoses com maior magestade no Ceo, do que habitauaõ em Roma; com a magnificencia dos espectaculos parecia arrastrar as quatro partes do Mundo atadas ao carro dos seus triunfos; as suas fontes mais eraõ mananciaes de marauilhas que de agoas; os jardins pensiles primeiro suspendiaõ o juizo do que agradassem

aos olhos, & a ſoberba architectura dos ſeus Amphiteatros parecia vencer a arte, & afrontar a natureza; Em huma pois taõ portentoſa Cidade (em que os prodigios pello exceſſo do numero naõ pareciaõ prodigios) nenhuma couza aſſombrou mais ao diſcreto foraſteiro do que vêr que os Romanos, aſſim como os mais homens eraõ mortaes; naõ podia alcançar como a morte cegamente atreuida, ſe naõ fizeſſe vermelha de enuergonhada á reuerberaçaõ de tantas purpuras, & parecialhe couza prodigioſa, que a tirania do ſeu Imperio chegaſſe a leuantar trono na meſma Cidade, a que todos os Reys, & princepes do Mundo rendiaõ obedientes, & humildes as ſuas Coroas; *Nihil mirabilius putauit, quam quod Romani morerentur.*

Semelhante eſpectaculo, & prodigio naõ menos ſemelhante me ſuſpende hoje o animo, & embaraça o entendimento ô Liſboa, illuſtre cabeça do Luſitano Imperio; naõ me admira naõ, que na vaſta extenſaõ do ſitio que occupas, ſejas hum breue cõpendio das grandezas de todo o mundo, & menos me eſpanta vêr que o Oriente depoſite em teu ſeio a riqueza de ſeus theſouros, com aquella abundancia, com que o Tejo prodigamente liberal tributa ſuas areas de ouro ao Oceano, & ſe realças imperioſamente ſoberana na multidaõ dos montes, com que te leuantas, julgo ſer ambiçaõ de te multiplicar as coroas, pois multiplicas as cabeças: o que me aſ-

ſombra

ſombra he, que vendote dominar tantas naçoens, eſtejas ainda ſogeita aos dominios da morte, & que no centro das delicias de tua gloria, chegue a morte a matar Heroes dignos de perpetuarẽ a vida por ſuas obras, & de competirem por ſuas virtudes com a meſma immortalidade, ah! morte inhumana ſe es cega, como acertas ſempre em derrubar os mais inclitos Varoens? & ſe es auarenta, como tendo nas maõs o fio douro de huma precioſa vida, o cortas com tanta preſſa, quando o deuias conſeruar igualmente para ſatisfaçaõ da tua cobiça, que para riqueza de todo o mundo: *Siccine ſeparas amara mors?*

Eſtas palauras que Agag Rey dos Amalecitas proferio queixoſo nas vltimas rayas da vida, digo eu hoje neſtas exequias que celebramos ás ſempre ſaudoſas, & lamẽtaueis memorias do Excellentiſſimo Sor. Baraõ de Bateuille, Conde de Corbiers, Marques de Vſia, Gentilhomem da Camera del Rey Catholico, do ſeu ſupremo conſelho de guerra, & do Eſtado de Flandes, & Borgonha, Caualeiro eleito da inſigne ordem do Toſaõ, & Embaixador extraordinario da Mageſtade Catholica ao noſſo Monarca Luſitano. *Siccine ſeparas amara mors?* que cauſa tens ô morte, paraque taõ depreſſa apartaſſes de noſſos olhos, aquelle, a quem toda Europa trouxe ſempre diante dos olhos para a imitaçaõ, & para o aſſombro? aquelle a quem Marte temeu na guera, & Minerua admirou na paz, porque taõ cruel o leuas ô

 morte

morte? *Siccine ſeparas amara mors?*

As queixas dos mortaes naõ coſtuma reſponder a morte por culpada, mas às perguntas que intento de lhe fazer reſponderà hoje a morte por innocente, que a culpa foi ſempre muda, & ſempre foi eloquẽte a innocencia: neſta morte pois, que taõ juſtamẽte choramos, naõ tem culpa a morte, o que moſtraraõ as tres deſculpas que darà fundadas em tres razoẽs, a primeira natural, a ſegunda politica, a terceira moral, que formaraõ as tres partes deſte funebre panegirico; mas para que ſem temor ouçamos as razoens que nos dà a morte, conuem nos abracemos primeiro com a Mãe da vida. *Aue Maria.*

## I. PARTE.

*Siccine ſeparas amara mors?*

A primeira deſculpa que dà a morte deſte taõ laſtimoſo ſucceſſo, eſtà fundada nas leys da natureza; porque ſe todas as couzas naturaes em chegando ao auge da ſua grandeza, começaõ logo a declinar, era força que eſte inclito Heroe chegaſſe ao termo da vida, pois tinha jà ſobido ao zenith da gloria. Comparou Filo Hebreo os progreſſos da natureza aos degraos de huma eſcada, o mais eminente da eſcada he o principio do precipio, & o vltimo degrao em que ſe terminou a ſobida he para

a de-

a decida o primeiro: *Res humanæ naturalem habent scalæ imaginem.* Nesta rezaõ està fundada huma curiosa questaõ, que faz S. Agostinho; porque cuidaes que Deos colocou o Paraizo Terreal primeira morada do primeiro homem nas partes Orientaes do Mundo? Por ventura criou Deos a Adaõ no Oriente, paraque o curso da vida humana principiasse com o mouimento dos Orbes celestes, conformãdose assim o homem que he hum pequeno mundo, com os procedimentos do grande? Por ventura nasceo Adaõ aonde nasce o Sol, peraque realçassem na parte Oriental quasi no mesmo theatro as duas mais viuas imagens da diuindade o Sol, & o homem?

*Philo Iud. lib. de somniis.*

Naõ foi esta a rezaõ affirma S. Agostinho, & cõ elle hum moderno, criou Deos a Adaõ no Oriente, paraque vendo Adaõ sobir o Sol das angustias do seu breço ao mais alto do Ceo, & dahi precipitarse logo para o occaso, aonde sepulta suas luzes, & extingue seus ardores, aprendesse que o termo da maior gloria, he o principio da maior desgraça, & que o Mundo no labirinto das suas inconstancias corta as mortalhas para o luto, no mesmo instante em que se aparelhaõ as pompas para o Triunfo. *Deus paradisum in Oriẽtali plaga condidit vt Adam orientem Solem, in occasumque euntem videns mortem haberet ante oculos.* Que tristes saõ as prouas que aos nossos olhos se representaõ de huma taõ releuante doutrina, pois o

*August. vt magistris luminibus cœli disceret semper habere ob oculos mortem. & Nouar. in Adag. p. 177. n. 504.*

Heroe cujas exequias celebramos tinha alcançado o non plus vltra da gloria, quando se vio chegado ao non plus vltra da vida, & se quanto mais alto he o Sol, tanto mais pequenas saõ as sombras, no mesmo tempo em que se leuantou mais este glorioso Planeta, fezse mais piquena a sombra da sua vida. *Dies mei sicut vmbra declinauerunt.*

Psalm. 102.12.

Duas cousas tenho aqui que mostrar, a primeira, que o Baraõ de Bateuille estaua ja no mais sublime degrao de gloria, a segunda, que em rezaõ de hũa altura taõ soberana foi obrigado a decer para o occaso. Prouo a primeira com hum reparo digno de toda a attençaõ. Quatro generos de estrellas obseruo na Escritura, as primeiras saõ guerreiras, as segundas vẽturosas, as terceiras entendidas, & a quarta, que na minha opiniaõ a todas leua ventagem, he a estrella dos Magos, a quem dou o titulo de Real, por ser estrella de Reys.

Chamo estrellas guerreiras, as que formando esquadroẽs em ordenança militar, illustráraõ a victoria que Debora alcançou de Sisara: *Stellæ manentes in ordine, & cursu suo aduersus Sisaram pugnauerunt.* Intitulo vẽturosas as que hũ Anjo trazia na palma da maõ, que sempre os venturosos andáraõ nas palmas, como os desgraçados por baxo dos pés: *Habebat in dextera sua septem stellas,* & nomeo por entendidas as que illustrauaõ a cabeça daquella taõ celebrada matrona do Apocalipse: *In capite ejus corona stellarum duodecim;*

Iudic. 5. 20.

Apoc. 2.

Apoc. 9. 12.

mas

mas a mais gloriosa de todas foi a meu ver a e ſtrella Real, pois derramando luzes ſobre o preſepio de Chriſto recennaſcido, influio nas pazes, que os Reis da terra faziaõ com o monarcha do Ceo; ſerem as eſtrellas bellicoſas naõ he muito, pois nos campos celeſtes domina hum Marte, nem he marauilha hauer no mundo eſtrellas venturoſas, pois por ellas influe Deos as venturas no mundo, & menos me parece couza ſingular ſerem entendidas as eſtrellas, pois na Academia do Ceo ha hum Mercurio pay da eloquencia; mas ſer Eſtrella Real influindo nas pazes que fazem os Reys, he o sũmo da gloria, porque he preſidir em certo modo a peſſoas Reaes, & coroar de nouo cabeças coroadas.

Foi o Baraõ de Bateuille Eſtrella guerreira, Eſtrella venturoſa, Eſtrella entendida, & Eſtrella Real; foi Eſtrella guerreira, pois na batalha de Nortlinguen, no ſitio de Caſal, no ſoccorro de Valença, na recuperaçaõ de Tortona, na reſtituiçaõ de Aleſſandria, no cerco de Verſeli, na preza de Torino que por ſeu conſelho ſe tomou por aſſalto, luzio o ſeu ſaber, & admirou o ſeu valor, & ſe na defenſa das praças pareceo hum Hector, na expugnaçaõ dellas oſtentouſe hum Achilles, Aſtro fauorauel para os ſeus, & Cometa deſtroidor para os inimigos.

Foi tambem Eſtrella venturoſa, pois ſe là tiueraõ as Eſtrellas a ventura de hum Anjo as trazer nas palmas, eſta teue tambem o noſſo Baraõ de todos o

tra-

trazerem nas ſuas ; nas Cortes andou ſempre nas palmas dos Reys, nos exercitos, nas dos ſoldados, & nos gouuernos que teue, nas dos pouos; nem eu me admiro de que todos o trouxeſſem nas Palmas, quando elle trazia a todos no coraçaõ; aos Reys pella fidelidade com que os ſeruia, aos ſoldados pella brandura com que os trataua, & aos pouos pello amor com que os gouernaua; o que me eſpanta he, que trazendoo os ſeus naturaes nas palmas, naõ houue terra eſtranha a que chegaſſe em que naõ deſejaſſem todos de o pôr na cabeça. Aquellas virtudes Heroicas herdadas do illuſtre ſangue dos ſeus Auòs, & augmentadas cada dia com ſuas obras, aquelle ſaber triunfar de ſeus emulos com a ſuauidade da clemencia, mais que com o rigor da vingança, aſſim lhe foraõ encadeando as venturas, que verdadeiramente parecia buſcaremno as dignidades mais para ſe acreditarem a ſi, que parà o honrarem a elle, & ſe o famoſo Iaſon buſcou ao Toſaõ douro por mares nunca dantes nauegados, veio o Toſaõ douro de Caſtella a buſcar em Portugal aò noſſo illuſtre Baraõ, como ſe eſta honra, que para os maiores Princepes he graça, foſſe para elle tributo.

Finalmente foi Eſtrella entendida pois moderando com o peſo da conſideraçaõ o voo dos mais altos penſamentos ſeguio ſempre os dictames da mais apurada politica, nas reuoluçoens de Napoles com D. Ioaõ de Auſtria, nas negociaçoens de Bordèos com o

Princepe

Princepe de Conde na Prouincia de Guipuſcoa que gouernou com o titulo de Capitão General, nas cõferencias de D. Luis de Haro com o Cardeal Mazarino, nas Fronteiras de França, com ElRey Chriſtianiſſimo para a concluſaõ da paz, & para a execuçaõ do caſamento,& vltimamente na Embaixada de Inglaterra, aonde conſtituio o ſeu Palacio amparo dos Fieis, & azilo dos Catholicos, conhecendo que a Fé he a columna dos Imperios, & a piedade o ſuſtento das Monarchias.

Mas cedaõ todas eſtas prerogatiuas ao ſoberano titulo de Eſtrella Real, pois illuſtrando com o ſeu talento, & conſeruando com o ſeu zelo as pazes entre Portugal, & Caſtella, influio grandes proſperidades a huma, & outra Coroa, á de Portugal a amizade de Caſtella, á de Caſtella as correſpondencias de Portugal. Logo com muita razão poſſo dizer que realçaua eſta Eſtrella no maior auge do ſeu luzimento, pois preſidia à vnião de duas das maiores Coroas do Mundo. Prouo agora que o Eclipſe deſte Aſtro foi conſequencia da altura em que ſe achaua; não percamos de viſta a Eſtrella dos Magos, pois ſendo Reys tiuerão por ventura de a ſeguir.

Grande queſtão ha entre os Expoſitores ſobre definir o lugar em que ſe puzeſſe a Eſtrella depois de ſe apartar de Belem, porque como affirma Euthimio não tornàrão os Magos para a ſua patria guiados da Eſtrella, ſenão acompanhados de hũ Anjo:

*Euthim in Silueir. tom 2. lib. 2. c. 4. q. 37. p. 272. n. 135.*

*Antequam puerum vidissent, stella ducatum eis prastitit; postquam autem viderunt, Angelus.* Logo em que veio a parar este Astro? em que se resolueo este Planeta? Affirma S. Gregorio Turonense, allegado no primeiro tomo das obras de Barradas, que esta tão gloriosa Estrella, logo que se apartou do presepio, se foi sepultar em hum poço que estaua em Belem: *Cecidit in quendam puteũ Bethlehem*: pois porque não se foi colocar entre as Estrellas do Firmamento? & porque não se leuantou à Esfera do Sol, emula da sua gloria, & competidora dos seus luzimẽtos? Oh! não se deuia por com a plebe das Estrellas, quem se tinha ja visto sobre sobre a cabeça dos Monarchas, & não necessitaua de mendigar luzes do Sol, quem tinha ja communicado suas luzes a tres Soes; a razão do repentino eclipse de tão lusido Planeta, he esta; huma Estrella que tinha influido na reconciliação de tres Magestades com a Diuindade humanada, não podia aspirar a maior altura, & assi foi obrigada a occultar seus resplandores, pois se achaua sem esperança de aumentar suas grandezas.

*Greg. Tur. in Barad. tom 2 l. 19 c. 19. p. 392 col. 2. n. 39*

Esta sem duuida foi a razão, pela qual o nosso inclito Heroe não tornou para a Corte de Castella grangear applausos, & sollicitar recompensas, mas antes caminhou para o seu occaso, pois tendo presidido com tão venturoso successo ás felicidades de dous taõ oppostos Imperios, Portugal, & Castella, reconciliados despois de 28. annos de guerra, não

podia

podia alcançar grandeza maior, & assi era conueniente que acabasse a vida, ja que não podia acrescentar mais a gloria: & esta he a primeira desculpa que dá a morte do seu falecimento, desculpa que se funda na razão natural, pois he ley da natureza, que em chegando as cousas aó maior auge do seu augmento, se precipitem logo nas sombras do seu occcaso.

## II. PARTE.

*Siccine separas amara mors?*

ESta fundada a segunda desculpa da morte na politica, pois sendo ley entre os politicos o dissimular para reinar: *Regnare nescit qui nescit dissimulare*, razão era que o nosso Heroe dissimulasse hũ aggrauo para conseguir hum triunfo. O aggrauo foi deixar a vida quando a deuia perpetuar, o triunfo foi ficar na lembrança, que a lembrança he o triunfo da morte, assi como a morte he o triunfo da vida; viuia o illustre Baram para os applausos; mas viue agora para os sentimentos, & esta segunda vida he superior á primeira, porque muito mais he ser chorado, que ser applaudido, pois os applausos tal vez podem ser lisonja, o que ja temia o Orador Romano, quando disse que não queria louuar por não parecer que adulaua: *Nolo esse laudator ne videar adulator*; & sempre as lagrimas forão demostradoras

 de

de hũ ſincero ſentir, & de hũ ſentimento ſincero, de mais do que as lagrimas ſaõ perolas que não tem preço, & os encomios ſaõ palauras que ſe formão do ar, & que no ar morrem, & ſe o Sol fora capaz de razão muito mais eſtimàra os orualhos da noite que parecẽ lagrimas derramadas na ſua auſencia, do que a ſuaue armonia das aues que feſtejão o ſeu naſcimento.

Aproua S. Geronimo na epiſt. 2. a opinião de Ennio, q̃ enſina ter os ſubditos ſobre os Princepes eſta ventajem, que nas deſgraças podẽ os ſubditos deſafogar a ſua dôr com ſatisfaçaõ, & não podẽ os Princepes demoſtrar ſem indecencia o ſeu ſentimento: *Licet lachrimare plebi, Regi honeſte non licet.* Mas eſta tão grãde perda podem ſentir os Reys ſem deſdouro da Mageſtade, pois vejo que Deos não diſſimula os ſentimentos, quando ſaõ lamentaueis os ſucceſſos; Affirma o Lirano que os Serafins repreſẽtauão a cruz nas azas que eſtendiaõ, mas reparai, que eſtas azas aſſombrauaõ ao roſtro diuino no meſmo tempo em que moſtrauaõ a figura da cruz; *Duabus velabant*, porque a Deos meſmo naõ ſe podia repreſẽtar a ſombra da morte do ſeu Filho ſem algũa ſombra de triſteza: *Duabus velabant*, & quando eu conſidero que eſtas armas do noſſo Heroe ſaõ azas, vejo hũ effeito ſemelhante a eſte das azas dos Seraphins. Voauaõ os Serafins com duas azas, *Duabus volabant*, & com duas outras encobrião o roſto a Deos, *& duabus velabant*: voou o Barão de Bateuille com duas azas para a outra vida, *duabus volabat*, & com duas outras ficou na

*Hyeron. in epiſt. 2.*

*Gloſ. Lyr.*

Cor-

Corte de Portugal, & de Castella assombrando aos Reys,& encubrindo com o veo da tristeza as Magestades, *duabus velabat*, com duas azas mostrou q̃ era vassalo da morte,pois lhe obedeceo voando, *duabus volabat*,& com outras duas ostentase em certo modo superior aos Reys,pois chega a lhes dar penas,& a lhes occasionar sentimentos: *& duabus velabat.*

Isto que he obrigar aos Reys a demostraçoens de dor,tenho para mim he a maior gloria que possa alcançar hũ homem nesta vida,pois Christo a quis lograr na sua morte, o que prouo breuemente com hũ reparo de S.Cirillo Ierosolimitano Na doença de Ezequias retrocedeo o Sol,& na Paixaõ de Christo, o Sol se escureceo,qual destes dous portentos estimais o maior,o tornar á traz,ou o enlutarse?direi,o tornar a traz do Sol foi querer euitar a molestia da dor que lhe podia causar a morte de Ezechias,mas o enlutarse era dar mostras de sentiméto que lhe occasionaua a morte de Christo , & assi muito maior fineza foi enlutarse o Rey dos Planetas na morte do Redéptor do Mũdo,do que retroceder na doença de hũ homé, ouçamos a S.Cirillo: *Propter Ezechiam Sol reuersus est, propter Christũ verò Sol obscuratus est,non retrocedens sed deficiẽs*. Saõ os Reys os Soes dos Imperios,& estes Soes na morte dos seus vassalos,mais facilmente retrocedẽ com indifferença,do que escureçáo cõ sentiméto,& assi para os mais vassalos saõ os Reys,Soes retrogados; mas para o Barão de Batteuille saõ os maiores Principes da Europa,Soes enlutados: *Sol obscuratus est nõ retrocedẽs,sed deficiens.*

*S.Cyril. Hierosol. Cathec. 3.*

 Pois

Pois ſe os Soes ficão eclipſados, em que eſtado ficaràõ as Eſtrellas, & ſe os Reys ſe moſtrão ſentidos, que ſentimento não moſtrarà a Nobreza, & a Fidalguia? dobrado ſentimento hão de ter os Fidalgos, porque quando padece o Sol, dobraſe o padecer das Eſtrellas; o prouo; Nas futuras exequias do Mundo, diz S. Mattheus que o Sol ſe eſcurecerá, *Sol obſcurabitur*, & immediatamente deſpois affirma, que as Eſtrellas ſe deſencaixarão do firmamento, & cahiràõ deſmaiadas em terra, *Stellæ cadent de Cœlo*; que connexão tem o cair das Eſtrellas com o eſcurecer do Sol? o eſcurecer do Sol cauſa eclipſes, não occaſiona deſmaios, logo ſe ſe eſcurece o Sol, vejãoſe as Eſtrellas eclypſadas no Ceo, & não ſe moſtrem deſmaiadas na terra; ah! vejo a razão, no eclipſe do ſeu Monarca tem as Eſtrellas dobrado o ſentimento, amortalhãoſe em ſombras, & desfalecem em accidentes; participaõ ás eſcuridades do eclipſe, & entrão nas anſias do deſmaio; *Stellæ cadent de Cœlo.*

Succede hoje neſtas funebres memorias o que ha de acontecer nas exequias do Mundo; nas exequias do Mundo enlutarſeha o Sol, & cahirão as Eſtrellas por deſmaiadas, conſeruarà porem o Sol a Mageſtade do Trono entre as ſombras do ſentimento; mas o exceſſiuo da dor farà com que as Eſtrellas cahião da ſua esfera amortecidas; tal prodigio vemos hoje nas exequias que celebramos; os Soes de Por-

tugal

tugal, & Caſtella moſtráoſe quando muito ſentidos ſem que perdão o decoro da ſoberania, & as Eſtrellas de Portugal, & de Caſtella tanto ſe deixárao leuar do ſentimento, que as vemos mais que ſentidas, proſtradas diante daquelle Mauſoleo, *Stellæ cadent de Cælo*; & com razaõ, porque ſe aos Reys faltou hũ Miniſtro leal, perdeo a nobreza hum leal amigo, & neſte amigo hum theſouro, que aos amigos dà o Eſpiritu Santo o titulo de theſouros, *qui inuenit illum inuenit theſaurum*, logo ſe he verdade que o coraçaõ eſtá aonde tem o ſeu theſouro, eſtaràõ ſem duuida todos os coraçoens da Nobreza ſepultados, pois eſtá ſepultado o ſeu theſouro.

Eccl. 7. 14

Mas naõ ſe limita eſta dor entre os confins da Luſitania, eſtendeſe a todas as maiores Prouincias, & Reinos de Europa, a Borgonha em que tem a illuſtre, & antiga origem dos ſeus Auòs, a Italia aonde naſceo, a Alamanha que correo, a Flandes aonde militou, ao Piemonte aonde triunfou, a Inglaterra aonde reſplandeceo, & ſobre todos a Caſtella a quē ſeruio, & a Portugal em que morreo; eſtendeſe finalmente eſte ſentimento a todas as Prouincias, penetra todos os Eſtados, communicaſe a todas as Monarquias, que o occaſo de hum Sol, naõ merece menos que as lagrimas de hum mundo; & aſſi naõ parece mal fundada eſta ſegunda deſculpa da morte, pois era neceſſario que o noſſo Varaõ diſſimulaſſe a ſemrazaõ, que lhe fazia a natureza em lhe

naõ

naõ dilatar a vida, para conſeguir o triunfo, que lhe forma a noſſa lembrança, & eterniza a noſſa dôr.

## III. PARTE.

*Siccine ſeparas amara mors?*

COm duas diſculpas tem ſatisfeito a morte às duas perguntas, que lhe fizemos, a terceira, & vltima que darà neſta terceira parte, ſerá fundada no moral, porque ſe o moral obriga a todos à obſeruancia das leys, he ley vniuerſal para poderoſos igualmente que para humildes o morrer: *Statutum eſt omnibus hominibus ſemel mori.* Por onde affirmou o Seneca com grande acerto que a morte emendaua os erros da fortuna, porque ſe a fortuna deſiguala os homens na varia ſorte, com que naſcem, a morte os iguala a todos na igualdade com que morrem: *Errores fortunæ mors ineuitabilis reformat.* Aquella famoſa eſtatua que ſe repreſentou a Nabucodonoſor, era hũa eſtatua fabricada da fortuna, pois nella ſe diuiſauão claramente diſtinctos os varios eſtados dos homens, na cabeça de ouro os Reys, nos braços de prata os Ricos, nas entranhas de brõze os ſoldados, & no barro dos pès os pouos, mas a juſtiça da morte emendou as deſigualdades da fortuna, porque ao improuiſo golpe de huma pedra ſe desfez a eſtatua, & com o barro ſe confundirão o ouro, prata, & bronze; não de outra ſorte vemos, ſe reduzem ao meſmo fim os Reys, & os ſubditos,

*Senec. in lib. de breuit. vitæ.*

os

os Princepes, & os pouos, os grandes, & os pequenos, não ficando do ouro da Mageſtade, da prata da Fidalguia, & da valentia do bronze mais que hũ pequeno de pò, & humas poucas cinzas: *Contrita ſunt pariter ferrum, teſta, æs, argentum, & aurum, & redacta ſunt in fauillam.*

*Daniel 2.*

Eſta meſma verdade enſinárão os Antigos, quando nos Templos que fabricauão à morte, naõ conſtituião Miniſtros, nem Sacerdotes, ſabendo que ella a todos ſacrifica, & que ſobre o ſanguinolento porfido dos ſeus Altares todos ſaõ victimas, & holocauſtos. Eſte poder que Deos communiça à morte, não he ſô para moſtrar a igualdade dos homens, ſenão tambem para emendar o deprauado dos coſtumes, porque naõ ha eſcola maior para o deſengano da noſſa vaidade, que hum ſepulchro, & não ha deſpertador da noſſa cegueira mais efficaz, que hum morto. Eſcreue Leonardo no liuro das leys, que Adão não acàbou de ſe entregar a huma verdadeira penitencia, ſenão quando vio a ſeu filho Abel defunto; concebeo Adam hũ ſanto horror daquelle funeſto eſpectaculo, & ficou taõ mudado, & tão arrependido, que conforme eſcreuem Methodio, & Ioſeph, chorou continuamente pelo eſpaço de cem annos, até que vio no mar de ſuas lagrimas o naufragio dos ſeus peccados.

*Natalis Comes Mythol. l. 3. c. 13.*

*Leonard. l. de legib. ſerm. de pœnit.*

*Method. & Ioſeph. citati in Theſauro morali Labata p. 2. p. 119. cla 2. A*

Notauel ſentença he eſta do Cardeal Sam Pedro Damião, os homens não morrem para ſim, morrem

P.Dam. in epist. 2.

para nos; não morrẽ para ſim porque paſſaõ a outra vida, morrẽ para nos porq̃ nos enſinão: *Benedicta diuina clementiæ diſpẽſatio, quæ etiam per mortuos instruit viuos.* Morrem os pequenos para auiſar aos que ficão nos baixos da pobreza, morrem os grandes para deſenganar aos que realção nos cumes da ſoberania, & quando Deos determina de refrear a ſoberba obſtinação dos grandes, não applica remedio mais efficaz que a morte de hum grande. Que notaueis forão os empenhos da omnipotencia diuina na reducçaõ de Pharaò, & que pertinaces foraõ as reſiſtencias de Faraò aos esforços da diuina omnipotencia? Muda Deos a tranſparencia das agoas em horrores de ſangue, mas o ſangue que abranda os mais duros diamantes, não he capaz de enternecer eſte coração empedernido: *induratum eſt cor Pharaonis.* Desfaz Deos o Ceo em rayos, & perturba a natureſa com tempeſtades, mas o rebelde fica mais inſenſiuel ao eſtrondo dos coriſcos, que os moradores das catadupas ao ruido das torrentes: *induratum eſt cor Pharaonis.* Introduz Deos a noite na jurdição do dia ſepultando em hum abiſmo de treuas palpaueis o Egypto, mas fica o Tirano em tantas ſombras mais cego, & entre tantos horrores mais enfurecido: *induratum eſt cor Pharaonis, non vult dimittere populum.*

Finalmente manda ao Anjo exterminador ao Paço, mata o Anjo ao primogenito, deſpertãoſe os

do

domesticos, leuantãose os guardas, atemorizãose os Cortesaõs, admirase Faraò, & rendido ao golpe de tão inopinado castigo, manda que lhe chamem a Moyses, da logo a liberdade ao Pouo de Israel, permittelhe o culto do Deos que adoraua: *Surrexitque Pharao nocte, & omnes serui ejus, vocatisque Pharao Moyse, & Aron nocte, ait, surgite, & egredimini a populo meo, Vos, & filij Israel, ite, immolate Domino*; Vede ( exclama aqui S. Agostinho ) vede como a morte foi o rayo victorioso que derrubou a este orgulhoso Gigante que mouia guerra ao Ceo, & que competia com a mesma diuindade: *Tunc timuit Pharao qui in tantis plagis nullam emendauerat culpam*. Reduziose Faraò na morte do Primogenito, porque como dizia ) a morte dos Princepes, emenda a soberba dos Potentados, & não se lisonjeão os grandes com esperanças de perpetuar a idade, quando vem acabar os primogenitos da gloria, & os mimosos da fortuna.

*Aug serm. do Phar. tom. 10. mihi p. 282*

Supposto isto, desejara que como a morte que choramos serue para o nosso sentimento, seruisse tambem para o nosso dezengano, & que illustrasse os entendimentos ja que atormenta os coraçoés. Confesso ser tão errada a imaginação dos homens, que fazer mortaes aos grandes, parece crime de leza Magestade, mas ainda que não o inculcara, isto mesmo nos estão prégando estas lingoas ardentes, em que o fogo ainda que Rey dos Elementos, se vai

exhalando em fumos, no mesmo tempo em que se coroa de resplandores. Para os Romanos desterrarem da imaginação a lembrança da morte, fabricavão os Templos a ella consagrados fôra dos muros de Roma, mas não nos he possiuel deixar a triste memoria das suas victorias, pois estamos vendo cõ os nossos olhos o trono em que triunfa, & o theatro em que se ostenta. De mais do que pareceme ouuir a voz lamentauel do nosso inclito Heroe, que se despede deste illustre Auditorio, com as mesmas palauras com que o Emperador Seuero Cesar se despedio do Mundo: *Omnia fui sed nihil expedit.*

*Alex. ab Alex. c. 4. l. 2.*

*Turcelin in epist.*

*Omnia fui*, he verdade que passei por todos os cargos da milicia, gouernei exercitos, dei batalhas, alcancei victorias, mas tão grande antipathia tem a gloria com a vida, que quando me vi mais glorioso, então me achei mais caduco, *sed nihil expedit*: está, se bem aduirtirmos he a primeira desculpa da morte fundada nas leys da natureza, que costuma dispor para a ruina, as cousas que leuanta a maior altura.

*Omnia fui*, entrei no laberintho das Cortes sem me perder nos seus enredos, & qual Dedalo vigilante gouernandome pelos dictames da razão, & da justiça, sahi com credito donde quasi todos se perdem; trabalhei pello augmento dos Reinos, & concordia das Coroas, venci as difficuldades, desfiz as duuidas, oppuzme aos contrastes, & se acabei tudo o que emprendi, não pude deixar de acabar; contudo

se

ſe acabei para a vida, viuo para a lembrança; *ſed nihil expedit.* (niſto ſe vè a ſegunda deſculpa da morte fundada nos dictames da politica, que obriga a diſſimular a perda da vida para conſeguir o triunfo da fama.)

*Omnia fui.* Em concluſaõ, foi enuejado dos emulos, temido dos inimigos, amado dos Grandes, reſpeitado dos pouos, & fauorecido dos Monarchas, mas achei finalmente que era mortal, & que ſendo ſuperior a muitos na oſtentação da pompa, era ſemelhante a todos na fragilidade da ſubſtancia: *Sed nihil expedit*: contem eſtas vltimas palauras a terceira deſculpa da morte fundada no moral, que obriga a todos à indiſpenſauel ley do morrer: *Statutum eſt omnibus hominibus ſemel mori.*

Para ſe deſculpar do crime, que inquirimos no principio deſte Panegirico funeral, tres razoens deu a morte, mas ſe nos não abrirmos os olhos para ver com as luzes deſte tumulo os enganos do mundo; que deſculpa terá a noſſa cegueira, & que razão dará a noſſa obſtinaçaõ? acabemos logo de entender que a noſſa vida verdadeira não he eſta com que viuemos ao tempo na terra, ſenão aquella com que hauemos de viuer na eternidade na gloria. *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, Filius, & Spiritus Sanctus.*

# LICENÇAS.

VIstas as informaçoẽs podese imprimir a Oração funebre de que se faz menção, & també a dedicatoria, & despois de impressa tornarà ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 3. de Nouembro de 1670.

*Diogo de Souza. F. Pedro de Magalhaens. Magalhaens de Menezes. Dom Verissimo de Lancastro. Alexandre da Sylua. Francisco Barreto.*

---

TEndo licença do Ordinario se pode imprimir vistas as licenças do S. Officio, & despois de impresso tornarà a esta mesa para se conferir, & taixar, & sem isso não correrà. Lisboa 3. de Nouembro de 1670.

*Monteiro. Magalhaens de Menezes. Miranda. Carneiro.*

---

POdese imprimir. Lisboa em Cabido, Sede Vacante 3. de Nouembro de 1670.

*Cordes. Pacheco.*